

Mailson confia no Plano Brady

quinta-feira, 18/5/89 □ 1º caderno □ 15

apesar dos problemas

Manoel Francisco Brito

Correspondente

WASHINGTON — O ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, continua fazendo uma profissão de fé no plano para a redução da dívida externa, anunciado em princípios de março pelo secretário do Tesouro norte-americano, Nicholas Brady. Nem as recentes indicações — marcadas pelas dificuldades que México e Venezuela vêm esbarrando nas suas recentes negociações com os bancos privados em Nova Iorque — de que a nova estratégia para a dívida está demorando a produzir resultados práticos, parecem desanimar Mailson. “O Brasil vai se beneficiar deste plano de redução ainda este ano”, assegurou, depois de um encontro com Brady na manhã de ontem.

Cauteloso, o ministro evitou entrar em detalhes sobre o método a ser seguido para alcançar este objetivo — até porque ele sabe que esta questão está inteiramente resolvida e que, atualmente, ele rema contra a opinião geral que tende a pintar as possibilidades de implementação do Plano Brady com cores catastróficas. “Não se pode falar de sucesso ou necessidade de revitalizar o plano de redução da dívida neste momento, até porque ele ainda não passou da fase de definição de suas regras”, disse Mailson, lembrando que, até agora, ainda não foi inteiramente decidido como vão funcionar as “janelas assistenciais” do FMI e do Banco Mundial que destinariam recursos para a recompra de parte da dívida ou garantia de pagamentos de juros e do principal que sobrasse aos bancos privados.

Duas fontes diplomáticas desta capital que seguem de perto as agruras da dívida externa latino-americana concordam, pelo menos em parte, com a visão do ministro. “O que é importante, neste momento, é ressaltar a mudança de conceito dos países desenvolvidos com relação ao débito externo da América Latina. Eles concluíram que o problema não vai se resolver com aumento dos seus encargos. Quanto à sua implementação, não vejo motivo para pânico. Ela vai acontecer. Os que reclamam de mais rapidez se esquecem de que não se muda uma prática de sete anos em apenas dois meses”, afirmou uma das fontes. “Todos querem se livrar do problema da dívida. O problema agora é saber exatamente como isto poderá ser feito”.

Cautela — A mesma fonte garantiu que, no momento, o plano está emperrando nas confusões internas do governo americano de como coordenar uma política comum entre os seus diversos departamentos metidos na questão da dívida. Lembra também que, até por causa disso, a Casa Branca e o Tesouro têm sido extremamente cautelosos na sua pressão para forçar os banqueiros a entrarem de vez no minuetto de redução da dívida. “Eles ainda não sabem exatamente que tipo de vantagens poderiam oferecer aos bancos para atraí-los de vez para esta estratégia”, disse a fonte, apontando estas questões como a causa principal para o aparente endurecimento que México e Venezuela vêm encontrando nas suas negociações com os banqueiros.

A outra fonte concorda com estes pontos e alerta ainda para o fato de que as dificuldades de negociação daqueles dois países se deve ao fato de que não apenas as regras do Plano Brady não estão determinadas, mas que também a posição dos bancos melhorou bastante em relação ao ano passado. Mailson também professa esta tese. “Os bancos diminuíram consideravelmente sua exposição à dívida, e montaram vastas reservas para enfrentar qualquer pagamento. Eu não me espanto com os problemas de México e Venezuela. Acho até que eles são normais”, raciocinou o ministro, mantendo a certeza de que ambos os países vão chegar a bom termo com os banqueiros e se beneficiar do Plano Brady. “Nós estamos mantendo contato com eles e soubemos inclusive que vão retomar as negociações a partir da semana que vem”.

Certeza — O que dá a Mailson a certeza de que o Brasil vai também arrancar benefícios da estratégia de redução da dívida, segundo ele próprio, é que a pré-condição para isso é que um país endividado tenha acordos em andamento com o FMI e o Banco Mundial. “Apesar das dificuldades por causa do déficit, temos espaço no Fundo”, garantiu. Uma das fontes ouídas pelo JORNAL DO BRASIL discorda que a equação seja tão simples assim. “Programas com o Fundo e o Banco são necessários, é verdade. Mas também são necessárias reformas contínuas na economia dos países endividados, até para que eles possam atrair novos investimentos externos. Quanto a este último aspecto, há muitas dúvidas em relação ao Brasil”, afirma a fonte, que aponta ainda para o fato que o Brasil vem encontrando problemas nas suas negociações com o Banco Mundial sobre empréstimos setoriais.